

A Escrita Lobatiana e a Prática de Mediação Cultural na Obra *Mr. Slang e o Brasil*

Danyllo Di Giorgio Martins da Mota*

Resumo: O objetivo deste trabalho é discutir a prática de escrita de Monteiro Lobato como forma de mediação cultural. As características de construção dos textos revelam a constante busca do autor por uma garantia de compreensão por parte de seus leitores. O autor esforça-se para ser compreendido por meio da simplificação de temas abordados na imprensa e vistos por ele como de difícil apreensão pelo público devido ao uso de uma escrita rebuscada. Nossa hipótese é que a escrita lobatiana no livro *Mr. Slang e o Brasil* se relaciona à prática de mediação cultural. Nestes textos o tratamento das questões sobre política e economia apontam para a formação de uma opinião pública por meio de uma pedagogia moralista fortemente influenciada pelo posicionamento político do autor.

Palavras-chave: Mediação Cultural, Opinião Pública, Crônica, Imprensa.

Abstract: The objective of this paper is to discuss the Monteiro Lobato's practice of writing as a form of cultural mediation. The features of construction of the texts reveal the author's constant search for a guarantee of understanding on the part of its readers. The author strives to be understood by simplifying the topics covered in the press and seen by him as difficult to grasp by the public because of the use of a lowery writing. Our hypothesis is that the writing of Lobato in the book *Mr. Slang e o Brasil* relates to the practice of cultural mediation. In these texts the treatment of issues about politics and economy point to the formation of public opinion through a moralistic pedagogy strongly influenced by the political positioning of the author.

* Docente na UFMS – CPCX. Mestre e Doutorando em História – UFG.

Keywords: Cultural Mediation, Public Opinion, Chronicle, Press.

Epígrafe:

Mas como vocês ainda não tem a necessária cultura para compreender as belezas da forma literária, em vez de ler vou contar a história com palavras minhas.
Monteiro Lobato. *D. Quixote das Crianças*.

Escrita e mediação

A literatura de Monteiro Lobato¹ foi marcada pelas transformações que o autor empreendeu sobre ela. Tais transformações estão relacionadas às características de seus personagens representativos do homem paulista e brasileiro. Inicialmente, sobre um ponto de vista extremamente negativo do povo, sobretudo no meio rural, Lobato expôs sua desilusão pela incapacidade de grande parte da população de contribuir para o progresso nacional. Logo depois, influenciado pelas campanhas sanitaristas, Lobato alterou sua visão sobre o povo, amenizando suas críticas e indicando o abandono por parte do Estado e as mazelas às quais a população se encontrava entregue como as causas para o atraso do país na economia, política, cultura etc. Essas

¹ José Bento Monteiro Lobato (1882 – 1948) foi escritor de renome nacional produzindo uma vasta obra de Literatura adulta e infantil. Também foi atuante na Imprensa como articulista, cronista, editor e revisor. Produziu inúmeros trabalhos de tradução e adaptação de textos estrangeiros. Foi editor e proprietário da *Revista do Brasil*, principal empreendimento cultural brasileiro nas primeiras décadas do século XX. Foi fundador da Editora Monteiro Lobato & Cia. e responsável pela modernização dos processos de editoração e distribuição de livros no Brasil durante os anos 1920. Também investiu em campanhas de cunho social como a luta pela erradicação de doenças, pelo saneamento do interior do país e pela produção de petróleo em território nacional. Sua múltiplas facetas trazem consigo também os distintos posicionamentos do ponto de vista político, apontados por alguns como contraditório, por outros como adaptativo, mas sem dúvida revelando o caráter de Lobato como homem de seu próprio tempo.

questões podem ser encontradas ao longo de toda sua obra literária. Contudo, optamos neste texto por um recorte bem específico da obra lobatiana. Analisaremos o livro *Mr. Slang e o Brasil*² (1927) para discutirmos a prática de mediação cultural empreendida pelo autor com o objetivo de formar uma opinião pública³ favorável às ações do governo do presidente Washington Luis iniciado em 1926⁴.

No sentido que buscamos analisar os textos de Monteiro Lobato neste artigo, faz-se necessário definir o que entendemos como mediação cultural. Construimos este conceito dando um novo sentido à ideia de “mediação” utilizada por Gabriela Pellegrino Soares (2007). Em sua obra, a autora utiliza as mediações vinculadas às instâncias de produção, portanto, elas seriam “relativas a escritores, educadores, bibliotecários e editores” em “diálogo com concepções de educação integral”, “tributárias da moderna pedagogia” (2007, p. 18). Seu tema, embora tenha aproximações com o nosso, apresenta objetivos bem distintos. Ainda assim, com base na leitura de *Semear Horizontes*

² O livro *Mr. Slang e o Brasil* é composto por 20 textos publicados por Lobato no periódico *O Jornal*, do Rio de Janeiro, ao longo do ano de 1926. Os textos são caracterizados por diálogos entre um velho inglês radicado no Rio de Janeiro, Mr. Slang, e seu interlocutor que simboliza o homem brasileiro.

³ Considerando a dificuldade e o constante debate acerca do termo “opinião pública”, é importante ressaltar que aqui ele está sendo empregado no sentido de opinião que se torna pública, que se publica e se faz conhecida. Essa definição se aproxima daquela apontada por Said Farhat (1992: 26) da opinião pública como “elementos de formação de imagens no contexto dos grupos de interesse e pressão”. Ou seja, não a utilizamos aqui como um agente social ou político em si, mas como expressão da opinião de grupos específicos que buscam disseminá-las como compartilhada pelo público ao qual um texto se dirige. Entendemos que um debate mais aprofundado neste sentido não é possível neste texto, mas que este é um tema relevante a ser mais bem discutido com relação à obra lobatiana em um texto com este objetivo particular.

⁴ Este texto é um desdobramento de nossa pesquisa de Mestrado em História realizada entre 2008 e 2010 no programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Goiás. A dissertação é intitulada *O Brasil de Mr. Slang: a República nas Crônicas de Monteiro Lobato (1926 – 1927)*.

(2007), nos apropriamos da figura de Lobato como um “mediador”, trazendo, para o nosso interesse, não suas relações com a editoria, o mercado editorial ou a tradução especificamente, mas como autor e cronista que, ao impor a polêmica, visa construir interpretações e “conformar horizontes culturais”. Sem dúvida, a associação entre a crítica ao republicanismo dos primeiros tempos e a *Paulistanidade*⁵ é uma expressão não apenas do desejo do debate, mas da proposição de intervir na “conformação de horizontes” (SOARES, 2007: p. 20), que, se parecem próximos (e restritos) à política, a ampliam, interagindo com o terreno cultural. Indubitavelmente, Lobato, em *Mr. Slang e o Brasil*, também anuncia as transformações humanas necessárias a um cidadão verdadeiramente republicano.

A concepção de democracia para Lobato é uma visão recorrente no cenário de construção dos Estados Nacionais latino-americanos (SOARES, 2007: p. 195). O autor via com reservas a plena participação política das massas e atribuía às elites intelectuais o papel de guiá-las e prepará-las para o exercício da cidadania. Exemplo disso é o debate empreendido por Lobato acerca dos elementos que deveriam definir os cidadãos aptos a participarem das eleições por meio do voto. O voto secreto sem obrigatoriedade é apontado como forma de seleção do voto consciente, afastando a massa ignota (LOBATO, 1959: p. 21). Para Lobato o regime democrático trazia a ameaça de esmagar os indivíduos esclarecidos e criativos, subordinando-os aos desígnios da massa inculta. A massa ainda precisava ser guiada. Ainda havia a necessidade de mediação.

Há outro aspecto importante a se destacar sobre a escrita lobatiana, em particular a escrita de *Mr. Slang e o Brasil*: as características

⁵ Por *Paulistanidade* entendemos a práticas discursivas utilizadas pela elite intelectual paulista que visavam definir o caráter particular do Homem paulista sempre em oposição à demais regiões do Brasil. Este conceito encontra-se discutido e mais amplamente definido em nossa dissertação de Mestrado intitulada *O Brasil de Mr. Slang: a República nas Crônicas de Monteiro Lobato (1926 – 1927)*, PPGH – UFG, 2010.

da escrita de crônicas – gênero no qual classificamos os textos do autor nessa obra⁶. Analisando as características da escrita de crônicas de Rubem Braga, Jorge de Sá aponta três recursos constantemente presentes nesse gênero literário e que nos auxiliam na discussão dos textos de *Mr. Slang e o Brasil*: o dialogismo, o narrador-repórter e o despistamento temático:

Os recursos utilizados pelo cronista lhe atribuem o valor literário: no caso de Rubem Braga, vão do simples dialogismo com um leitor hipotético, passam pelo narrador-repórter, que, por ser o autor mesmo, não manipula os truques da ficção sempre, e chegam ao despistamento temático: imitando a estrutura da conversas, o cronista começa a falar de um tema (ou subtema) e acaba nos conduzindo a outro tema bem mais complexo, embora nem sempre imediatamente percebido por nós (SÁ, 1985: p. 19).

Lançando mão desses recursos, o autor consegue introduzir os temas que deseja discutir de uma forma mais amena, dando a impressão de “conversa fiada”, mas atingindo o objetivo de formar opinião ou provocar o questionamento do leitor. Outro recurso também utilizado pelo cronista é a aparência de não querer se colocar na pele de um narrador. O uso desse recurso provoca o desvio do foco narrativo da primeira para uma falsa terceira pessoa. Nesse cenário, o narrador assume uma máscara ficcional, embora saibamos que quem fala na crônica é sempre o próprio cronista (SÁ, 1985: p. 23).

Esse jogo de dialogismo entre escritor e leitor encontra-se presente também na construção dos textos de *Mr. Slang e o Brasil*. As opiniões

⁶ Utilizamos o conceito de “quase crônica”, presente nos textos de Noé Freire Sandes (2009). Isso se deve à dificuldade de classificar os textos de Lobato nesta obra. Estes foram escritos originalmente como artigos para jornal, mas carregam várias características de crônicas como o diálogo direto com o público como um participante da conversa e a aparência de uma conversa desinteressada, ou “conversa fiada”, como definido por Jorge de Sá (1985).

do autor são expostas por meio não apenas de um, mas de dois personagens. O narrador-personagem de Lobato – o interlocutor brasileiro que conversa com Mr. Slang - expõe opiniões que representam o que o autor via como característica da mentalidade brasileira. Esse ponto de vista do homem brasileiro encontra-se, de forma geral, próxima da inconsciência e da incapacidade de análise dos problemas nacionais. Em contraponto, é por meio das palavras do inglês Mr. Slang que o autor expõe as ideias que possibilitariam a transformação da realidade nacional. Por meio das palavras desse personagem, Lobato expõe suas ideias para a transformação da realidade nacional. O personagem inglês é o homem sábio que analisa de forma racional esses problemas e orienta o personagem brasileiro na formação de uma opinião sobre a “realidade do país”. O próprio título do livro, *Mr. Slang e o Brasil*, faz referência a essa relação, pois transparece nos textos um diálogo entre o sábio inglês e o próprio Brasil, representado por um personagem que simboliza a mentalidade nacional, na perspectiva lobatiana.

Como aponta Jorge de Sá (1985: p. 28), a perspectiva do cronista é de distanciar-se do narrador. Por seu objetivo de revelar e discutir ideias que atinjam de forma mais eficaz o leitor, esse distanciamento é uma forma de garantir a “neutralidade” do discurso, como se o narrador estivesse falando algo sem importância. Assim, o autor atinge seu objetivo sem forçar a compreensão do leitor. Dessa forma, Lobato constrói o confronto entre esses dois pontos de vista – o do sábio Mr. Slang e o de seu interlocutor brasileiro. As dúvidas sobre os problemas do país são expostas pelo personagem brasileiro que narra seus encontros com o inglês. O fato de ser o brasileiro o narrador das conversas dá ao leitor a aparência de distanciamento entre o autor dos textos e o personagem Mr. Slang, através de quem Lobato expõe suas ideias para a solução dos problemas nacionais.

É nesse sentido que os textos de Monteiro Lobato em *Mr. Slang e o Brasil* alcançam o lugar de instrumento político. Os textos de Lobato

são a materialização de um discurso político de crítica ao governo de Artur Bernardes⁷ que apresenta os indícios de uma interpretação da realidade brasileira relacionada à *Paulistanidade*, onde o estado de São Paulo é apontado como o símbolo de modernidade e progresso a ser seguido pelo Brasil, sendo o novo governo, comandado por Washington Luis⁸, o signatário dessa transformação.

O papel da Imprensa

Ligado ao debate e à busca por soluções para os problemas enfrentados pelo país, Lobato discute em seus textos a formação e atuação de uma opinião pública. Nesse debate, o papel da imprensa recebe grande atenção do autor que ressalta a importância desse setor para os debates sobre as “grandes questões nacionais”. Nesse cenário a população também deveria tomar parte dessas discussões já que, na visão do autor, seu distanciamento era um dos motivos para as crises enfrentadas pelo país. Nosso objetivo nessa parte do trabalho é discutir como essas ideias estão interligadas na obra de Lobato. Buscamos apontar como, para Lobato, a formação de uma opinião pública deveria ocorrer através da contribuição da imprensa como instrumento de difusão de uma “formação pedagógica” que tornaria possível uma participação mais ativa da população no projeto de modernização nacional.

Os jornais eram importante meio de comunicação de massa nas primeiras décadas do século XX (SEVCENKO, 1985: p. 226). Havia um considerável alcance dessa mídia mesmo além dos grandes centros urbanos. Com o enriquecimento das regiões produtoras de café, já nas décadas finais do século XIX, muitas das pequenas cidades do

⁷ Artur Bernardes (1875 – 1955), político mineiro e presidente do Brasil entre 1922 e 1926.

⁸ Washington Luis (1869 - 1957), político paulista e presidente do Brasil entre 1926 e 1930.

interior dispunham de órgãos de imprensa que propagavam os debates políticos. Apesar de grande parte da população ser composta por analfabetos⁹, os jornais eram muito populares. As críticas políticas e sociais eram estampadas através dos textos, mas as charges também eram um meio para a conquista do público¹⁰. O próprio Lobato foi um incansável colaborador de jornais desde o início do século, publicando textos em órgãos de imprensa do interior de São Paulo, desde o período em que cursou Direito na Faculdade do Largo do São Francisco, entre 1900 e 1903.

Tal alcance fez com que os jornais ganhassem destaque na análise de Lobato. Essa importância pode ser percebida no caráter extremamente crítico com que o autor analisa os órgãos de imprensa durante a década de 1920. Nesse sentido crítico, os textos de *Mr. Slang e o Brasil* são extremamente ricos. No texto *Da Balbúrdia de Ideias*, Lobato já aponta um elemento de sua visão sobre os jornais. No diálogo entre Mr. Slang e seu interlocutor brasileiro, Lobato escreve:

[Fala o interlocutor brasileiro] – Que acha, Mr. Slang, da estabilização? (...) Tenho lido as folhas, e mais leio opiniões mais me obscureço.

[Responde Mr. Slang] – Muito natural, meu bom amigo. A opinião dos nossos jornais é excessivamente instável. Não será no instável que meu amigo se firmará a respeito de estabilidades [*sic*] (LOBATO, 1959: p. 09).

Dando voz a Mr. Slang, Lobato expõe sua visão sobre os jornais. Para o autor a opinião dos jornais é percebida como sendo “essen-

⁹ Discutindo as características do campo literário na passagem do século XIX para o XX no livro *Literatura como Missão* (1985), Nicolau Sevcenko aponta o grande contingente de analfabetos na população brasileira.

¹⁰ O próprio Lobato destaca a importância das charges como forma de crítica social e política no texto *A Caricatura no Brasil*, publicado no livro *Ideias de Jeca Tatu*, de 1918.

cialmente instável”, falhando no caráter de demonstrar uma opinião clara sobre os temas abordados. Nesse trecho, está apontado o fato dos jornais serem uma fonte preferencial da população para informação e formação de conhecimento. Isso pode ser verificado no hábito do personagem brasileiro de buscar nos jornais o esclarecimento sobre temas como a estabilização monetária. Contudo, para Lobato os jornais perdiam de vista esse objetivo de abordar os problemas políticos e econômicos de forma que o leitor compreendesse o que se estava tratando. Ao invés de encontrar o esclarecimento, o leitor se obscurecia. Discutindo essa questão sobre o jornal como instrumento de esclarecimento, Lobato dá voz a Mr. Slang na sequência do texto *Da balbúrdia de ideias*:

Os jornais do Rio nunca esclarecem uma questão. Estudam-na sempre deslembrados do objetivo de esclarece-la. O negocio parece-me até que é baralhar. Só o embaralhamento renderá qualquer coisa. Jornal é sinônimo de maquina de desenrolar linha. Le-los é ver desenrolar linha. O bom senso manda fazer o contrario: te-la em carretéis, numerados conforme a grossura do fio e bem arrumadinhos nas prateleiras. Fóra dos carretéis, linha deixa de ser linha. Passa a maçaroca, só util como esfregão [*sic*] (LOBATO, 1959: p. 10).

Para Lobato os jornais faziam “maçaroca” desenrolando linhas ao invés de enrolá-las e organizá-las de forma a facilitar sua identificação. As ideias vinham sempre misturadas e emboladas. As questões discutidas nunca eram solucionadas nem sequer se apontavam soluções possíveis. Falava-se muito, mas não se esclarecia o leitor sobre os temas abordados. A formação de uma opinião pública ficava assim prejudicada. Essa crítica de Lobato se relaciona à busca pela divulgação do “saber e do progresso”. Esse busca lobatiana é abordada por Rosimeiri Cardoso ao relacionar a escrita e o pensamento lobatiano com a difusão das ideias iluministas para além do contexto do século XVIII (CARDOSO, 2007). É visando à difusão de saberes

que contribuíssem para o progresso nacional que Lobato define sua visão sobre os jornais nesse período.

Mas a ausência de uma opinião pública não resultava apenas das ações equivocadas adotadas pelos jornais ao discutir as questões referentes ao país. Havia também um comodismo do público, característico da mentalidade brasileira. No texto *Da balburdia de ideia*, Lobato escreve dando voz ao personagem brasileiro:

Comodo e pratico (...) em vez de criarmos rugas na testa e moermos os miolos, adquirimos logo uma ideia feita, já bem elaborada pelos tecnicos. Poderia eu, pensando por mim, por exemplo, chegar com a mesma pressa às conclusões de um ex-ministro da Fazenda? Acho mais inteligente tomar feitas as ideias deste homem. Além disso, possuem maior autoridade [*sic*] (LOBATO, 1959: p. 09).

A visão de Lobato sobre a população brasileira liga-se ao comodismo que, para o autor, é característico da mentalidade nacional. A esse comodismo Lobato relacionava o afastamento da população dos debates sobre a nação, deixando as discussões para os técnicos que tinham mais “autoridade” nos assuntos abordados.

A prática da mediação cultural em Mr. Slang e o Brasil

A ausência de uma opinião pública consistente é apontada por Lobato como uma das causas que teriam levado o Brasil à situação de caos em que se encontrava durante a década de 1920. Mas a crítica à falta de participação da maior parte da população nos grandes debates sobre o país era um tema já abordado por Lobato em outros momentos. Essa ideia já se encontrava no livro *Urupês* (1917). No artigo de mesmo nome, Lobato critica o homem brasileiro, sobretudo do meio rural, por esse afastamento das grandes questões nacionais (LOBATO, 1994: p. 167). Na análise de Lobato, quando não agia como um mero observador, o homem nacional, representado pelo caboclo

rural estigmatizado no Jeca Tatu, simplesmente ignorava as transformações políticas, econômicas, sociais e culturais ocorridas no Brasil. No caso de *Urupês*, essas críticas encontram-se englobadas em um contexto diferente daquele que abriga *Mr. Slang e o Brasil*. Lobato já havia elaborado, em 1926, a revisão em sua obra que amenizava as críticas ao caboclo (LAJOLO, 1983), presentes nos textos de meados da década de 1910, cujos grandes símbolos são os artigos *Urupês* e *Velha Praga*. No entanto, como podemos perceber, a questão da opinião pública, da participação da população nos debates sobre os destinos do país e na compreensão das grandes questões que movimentam a nação continuam sendo um problema relevante para o autor, pois se relacionam com a própria situação de crise política, econômica e social em que o país se encontrava naquele momento¹¹.

Contudo, essa crítica de Lobato ao afastamento do homem do campo das grandes questões nacionais aproxima-se da ideia dos grandes proprietários rurais nesse período de que a luta pela democracia e pela participação popular ativa na política teria como limite a “porteira das fazendas”. Nas cartas reunidas na coletânea *A Barca de Gleyre*, no período em que administrava a fazenda do Buquirá que herdara de seu avô, Lobato relata um episódio em que controlara um “motim” de seus camaradas da fazenda. Em carta de 15 de maio de 1914, ele descreve o episódio em que, decidido a tomar frente dos negócios na fazenda, chama seu administrador e o dispensa de seus serviços. O administrador pede-lhe uma semana de prazo para sair da fazenda e, segundo Lobato: “(...) o administrador passara aquela semana do prazo conspirando contra mim. Arranjara colocação nas fazendas vizinhas para todos os meus colonos, devendo a mudança

¹¹ O período de Governo de Artur Bernardes foi marcado por inúmeras crises políticas iniciadas ainda durante o período eleitoral com o caso das cartas falsas. Essas cartas criticavam o ex-presidente Marechal Hermes da Fonseca e, atribuídas a Artur Bernardes, um dos elementos que motivaram o levante tenentista do Forte de Copacabana em 1922.

se fazer no dia em que ele fosse embora, de modo a ficar um exodo em massa" *[sic]* (LOBATO, 1959: p. 353).

Quando percebeu que ficaria sem trabalhadores na fazenda devido à "conspiração" arquitetada pelo administrador demitido, Lobato age para reverter essa situação. Na mesma carta, relata seu dialogo com um de seus agregados:

Raimundo, vai-te para o inferno! Que todos vão para o inferno! Não preciso de ninguém aqui. Eu sabia de tudo, escrevi para São Paulo e mandei contratar lá cinquenta colonos novos. Você vá dizer para essa gente que está saindo, ou vai sair, que o que quero é que saiam todos o mais breve possível, para desocupar as casa *[sic]* (LOBATO, 1959: p. 354).

Ao saber pelo agregado que o antigo administrador iria à fazenda no dia seguinte para ver se alguém o havia desobedecido, Lobato afirma: "Se voltar não passa daquela porteira! Mato-o como quem mata um cão!" (LOBATO, 1959: p. 354). Segundo Lobato, após o acontecimento chegar ao conhecimento dos colonos que abandonavam sua fazenda, esses "começaram a mudar de ideia e perder o medo ao administrador" e Lobato se tornou então "vencedor e dono final" de sua própria fazenda.

Como destaca Gabriela Pelligrino Soares (2007: p. 197), o principio da liberdade - de expressão, de conduta etc. - ocupava o centro do projeto de democracia de Monteiro Lobato. Mas o autor lança para as margens desse projeto o principio da igualdade. Era preciso esclarecer a população da necessidade de promover o progresso do país, mas cada grupo teria seu lugar nesse processo. Assim, aqueles que se apresentassem mais bem preparados, como os intelectuais ou os políticos mais comprometidos com esse objetivo de modernização, teriam a tarefa de conduzir esse processo. A população devia ter clareza de seu papel como mão-de-obra útil à nação. Assim, Lobato teria

uma ação e uma visão política próxima aos intelectuais responsáveis pela difusão da *Paulistanidade*. Esses eram os intelectuais oriundos das famílias ligadas às grandes propriedades rurais e à produção cafeeira e que davam sustentação ideológica à manutenção da hegemonia oligárquica desses grandes produtores rurais (MICELI, 2001).

Nos textos de *Mr. Slang e o Brasil*, Lobato aponta a necessidade de criar as condições favoráveis para a modernização nacional. Os moldes a serem adotados para essa modernização eram propostos pelo novo governo comandado por Washington Luís. Por isso era preciso formar uma opinião pública favorável ao “novo Governo”. Neste sentido, Lobato elabora suas opiniões em *Mr. Slang e o Brasil* visando à formação de uma opinião que desvencilhasse completamente a imagem do quadriênio Bernardes com a do governo que se iniciava. Mas, a questão que poderia gerar dúvidas nos leitores era a de o Brasil possuir ou não uma opinião pública. Antecipando-se a essa questão, Lobato apresenta uma definição do que era essa ideia para ele no seguinte trecho do texto *Dos “ladrões”*:

[O interlocutor brasileiro questiona] – Mas teremos nós opinião pública?

(...)

[E Mr. Slang responde] – (...) Que somos nós dois aqui senão bocas de voz pública? E a esta hora pelo país inteiro milhões de bocas como as nossas estão a cochichar opinião. *[sic]* (LOBATO, 1959: p. 102).

Através desse trecho, Lobato deixa clara a necessidade de formação de uma opinião pública como forma de contribuir para uma melhor definição dos caminhos a serem adotados pela nação. Seus textos seriam parte integrante na formação dessa opinião. As ideias que discute podem ser vistas como uma forma de divulgar uma opinião a partir de seu ponto de vista. O direcionamento dessas discussões caminha no sentido de formar uma opinião pública

favorável ao “novo governo” como forma de contribuir para que as ações propostas por Washington Luis alcançassem sucesso.

Sempre buscando exemplos que afirmassem seu ponto de vista, a importância da opinião pública para o sucesso dos governos é exposta por Lobato através de referências à gestão do presidente norte americano Warren Harding¹². Mr. Slang expõe as ações de “varredura” das instituições públicas quando Harding estava à frente do governo dos Estados Unidos. Essas ações resultaram em uma economia anual de US\$ 800 milhões. Lobato destaca a importância da opinião pública nesse processo através do seguinte trecho em que Mr. Slang afirma: “– A Dolly, por exemplo (...). Dou-lhe para as despesas da casa metade do que dava à sua antecessora, e passo melhor. É uma Harding de saias, que suprimiu todos os “ladrões” deste meu lar de solteirão” *[sic]* (LOBATO, 1959: p. 102).

Mas o cético interlocutor brasileiro adverte o inglês:

- Numa casa é fácil, mas num país... (...).

[Mr. Slang conclui] - Se Harding fosse vivo discordaria de sua opinião, meu amigo. Ele (...) achou fácilíssima a tarefa. São sempre fáceis as tarefas que recebem o apoio da opinião pública *[sic]* (LOBATO, 1959: p. 102).

Era importante que houvesse uma opinião pública favorável para que Washington Luis pudesse efetivar as transformações que propunha e que o país almejava. Uma forma de Lobato contribuir para a formação dessa opinião pública favorável ao novo governo pode ser identificada em suas referências à Revolução. Para Lobato, os movimentos revoltosos eram frutos da imoralidade que dominara a política e da injustiça com que o país fora administrado durante o

¹² Warren Harding (1865 - 1923), presidente dos Estados Unidos entre 1921 e 1923, teve seu governo marcado pelo forte combate à corrupção e tornou-se um símbolo do conservadorismo político norte-americano.

“período ciclônico”. Assim a Revolução¹³ consistia em elemento de crítica ao quadriênio Bernardes e à situação em que o país se encontrava em decorrência de suas ações a frente do governo. Sua visão sobre a revolução pode ser percebida através do seguinte trecho do texto *Do cruzeiro e outras miudezas*:

[Questiona o interlocutor brasileiro] – Mr. Slang não irá dizer que a revolução também procede da instabilidade...

[Responde Mr. Slang] – Não vou dizer? Digo já, pois toda revolução tem como causa última o mal estar econômico. País que prospera não faz revoluções *[sic]* (LOBATO, 1959: p. 25-26).

As questões referentes à revolução estão dentre os temas que Lobato discute visando à formação de uma opinião pública. Ele aponta em seus textos que, com as ações do novo governo, como a estabilização econômica e com um modelo administrativo mais justo e comprometido com o interesse público, a Revolução perdia seu sentido.

Um dos problemas causados pela má gestão política e econômica seria a injustiça que, como sua consequência mais perceptível, teria insuflado a insatisfação popular. Essa insatisfação da população – “armada ou na possibilidade de armar-se” – teria então como resultado último os levantes e as revoltas ocorridas no período ciclônico (LOBATO, 1959: p. 26). Lobato constrói assim a imagem do “novo governo” como o solucionador desse problema através da restauração da justiça e da moralidade na política nacional.

Nos textos de *Mr. Slang e o Brasil*, Lobato faz a defesa de Luis Carlos Prestes como um futuro herói nacional, cujo reconhecimento por seus atos retiraria a carga de negatividade de seus atos revol-

¹³ Monteiro Lobato usa o termo Revolução ao se referir aos levantes empreendidos pelos Tenentes em 1922 e 1924.

tosos. O futuro o redimiria. Com o fim da coluna Costa – Prestes, estava eliminado o último foco de contestação do regime oligárquico (FERREIRA; PINTO, 2006: p. 13). Assim Washington Luis assumiria o poder sem o peso da oposição que Artur Bernardes enfrentara em seu governo.

Segundo Marieta Ferreira e Surama Pinto (2006: p. 13) a coluna Miguel Costa – Luis Carlos Prestes propagava a revolução e o levante da população contra as oligarquias. Contudo a imagem construída por Lobato é de uma contestação especificamente contra o governo de Artur Bernardes e contra a corrupção e a imoralidade instauradas nos governos do “período ciclônico”. Com a saída de Artur Bernardes da presidência, a revolução, que antes possuía uma justificativa plausível, perderia seu fundamento, pois Washington Luis representaria a mudança de postura dos políticos em relação às falhas que haviam insuflado essas revoltas.

O que Lobato não considera, ou ao menos não aponta claramente, é que, assim como Artur Bernardes, Washington Luis também é um representante das oligarquias contra as quais os movimentos tenentistas se opunham. Afinal, os militares revoltosos haviam se aliado às oligarquias de segunda grandeza, opositoras à eleição de Bernardes em 1922, para lutar contra aquilo que consideravam os desmandos das oligarquias dominantes – como Minas Gerais e São Paulo (FERREIRA; PINTO, 2006: p. 06).

Percebemos assim que os textos de Lobato apontam para uma conciliação entre ideias defendidas pela Reação Republicana, que teve a participação tanto das oligarquias de segunda grandeza quanto dos militares, com as ideias defendidas pelos oligarcas paulistas que procuravam se desvencilhar das críticas que eram dirigidas ao governo de Artur Bernardes. Seu discurso é, a um só tempo, de conciliação e ruptura. Lobato critica os governos anteriores utilizando conteúdos presentes em movimentos que se opunham ao domínio oligárquico,

mas também busca amortecer as possíveis críticas ao novo governo o desvinculando do período de crise da República entre as décadas de 1910 e 1926, chamado de período ciclônico.

É no sentido de superar os problemas vividos no quadriênio Bernardes que Lobato aponta ainda a postura de prudência do “novo governo” ao não divulgar todas as denúncias de corrupção que pesavam contra o governo anterior. Mr. Slang defende a sabedoria dessa ação, indicando que, caso publicadas as denúncias, isso acenderia em “qualquer homem de sangue vivo” o ímpeto de incorporar-se aos revoltosos, o que causaria danos à condição de legalidade (LOBATO, 1959: p. 104). Como forma de debelar os movimentos revoltosos, era preciso limitar as informações que chegavam ao público sobre a má conduta apresentada pelo governo anterior. A visão de Lobato sobre os “crimes” do governo Bernardes estava ligada à defesa de uma “vista grossa” da justiça e do “novo governo”, contando com uma condenação da opinião pública, para cuja formação ele contribuía através de seus textos.

Ressaltamos o paradoxo da visão de Lobato sobre a opinião pública ao indicar a necessidade de uma limitação do que deveria ser levado ao conhecimento do público. Ele buscava a formação de uma opinião pública através da manipulação dos elementos sobre o tema que abordava. Os cidadãos eram peça chave na política por definir o lugar de cada agente, se seria condenado ou absolvido, se permaneceria na vida pública ou seria execrado. Mas esses cidadãos não poderiam ter acesso a todas as informações por que se transformariam em um risco para o *status quo*, podendo, nesse caso, revoltar-se contra a situação estabelecida no período ciclônico e prejudicar o desenvolvimento do projeto apresentado por Washington Luis. Era preciso condenar o governo Bernardes por suas ações desastrosas, mas para isso não era necessário que todas as suas ações chegassem ao conhecimento do público. Bastava que os homens preparados do

“novo governo” as conhecessem, pois esses saberiam muito bem como agir de forma a resguardar o interesse nacional (LOBATO, 1959: p.106).

Contudo, Lobato se isentava da indicação de soluções para todos os problemas nacionais e limitava sua participação à tarefa de formação de uma opinião pública consciente. No texto *De frutas e livros*, criticando a atividade política e as práticas dos congressistas brasileiros, ele constrói o seguinte diálogo entre Mr. Slang e seu interlocutor:

[Fala Mr. Slang] – Já assisti a varias sessões da camara e assombrei-me do que nela se chama votar.

Também eu conhecia o Congresso, e sabia muito bem o que ali se chama votar.

- E o remedio, Mr. Slang? perguntei ingenuamente.

- Não ha remedio, respondeu ele sorrindo. É a quarta vez hoje que você me pede remedio, como se minha função na vida fosse receitar para o Brasil [*sic*] (LOBATO, 1959: p. 97).

Assim, a visão de Monteiro Lobato sobre a opinião pública está vinculada à ideia de uma cidadania restrita e à pedagogia cívica. Para Lobato, para se transformar em um cidadão pleno era preciso que o homem nacional estivesse, de antemão, consciente dos problemas nacionais. Como os jornais demonstravam uma incapacidade – ou uma falta de vontade - de cumprir essa missão, ela deveria ser assumida por outros agentes. Ele próprio se colocava em posição para sanar esse problema através de sua contribuição para a formação de uma opinião pública consciente. Afinal, Lobato não assume o papel de solucionador de todos os problemas nacionais, pois sua função na vida não era “receitar para o Brasil”. Mas é exatamente na tarefa de receitar, ensinar, formar uma opinião pública que a prática da mediação cultural se evidencia nos textos de Lobato em *Mr. Slang e o Brasil*.

Para Lobato, com o apoio da opinião pública ao novo governo e sob a direção de um governante comprometido com os valores morais, com o senso de justiça e com uma mentalidade moderna, o Brasil retomaria o caminho do progresso. Com Washington Luis, o “período ciclônico” chegava ao fim e o país voltaria para o caminho do qual havia se desviado após a morte de Afonso Pena. A formação de uma opinião pública, a transformação na mentalidade nacional, o estabelecimento de novas orientações para o exercício da cidadania e para a escolha dos governantes tornariam possível a construção de uma realidade diferente da que se verificava no país após o longo período de amoralidade e injustiça que caracterizara a República brasileira até aquele momento. Aquele era um momento de ruptura e de transformação que, na visão de Lobato, se assentava nas possibilidades de modernização e progresso surgidas com a chegada do “novo governo”, sob o comando de Washington Luis.

Referências

- CARDOSO, Rosimeiri Darc. *Monteiro Lobato: entre o pedagógico e o estético*. Tese (Doutorado em Letras, Área de Conhecimento Literatura e Vida Social). Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – Universidade Estadual Paulista, Assis – SP: 2007. Orientador: Prof. Dr. Carlos Erivany Fantinati.
- FARHAT, Said. *O Fator Opinião Pública: como se lida com ele*. São Paulo: T.A Queiroz, 1992.
- FERREIRA, Marieta de Moraes; PINTO, Surama Conde Sá. *A Crise dos anos 20 e a Revolução de Trinta*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006. 26f.
- LAJOLO, Marisa. *Monteiro Lobato: um brasileiro sob medida*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- LOBATO, Monteiro. *A Barca de Gleyre*. Volumes I e II. São Paulo: Brasiliense, 1959.
- LOBATO, Monteiro. *D. Quixote das Crianças*. São Paulo: Brasiliense, 1959.
- LOBATO, Monteiro. *Mr. Slang e o Brasil: colóquios com o inglês da Tijuca*. São Paulo: Brasiliense, 1959.

SANDES, Noé Freire. *A Memória Inconsútil*: São Paulo, 1932. In: FREDRIGO, Fabiana de Souza; OLIVEIRA, Fabiane Costa; SALOMON, Marlon (orgs.). *Escritas da História: arte, cultura e memória*. Goiânia: UCG, 2009, pp. 179-197.

MICELI, Sérgio. *Intelectuais à Brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SÁ, Jorge de. *A Crônica*. São Paulo: Ática, 1985, 94 p.

SEVCENCKO, Nicolau. *Literatura como Missão*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

SOARES, Gabriela Pelligrino. *Semear Horizontes: uma história da formação de leitores na argentina e no Brasil, 1915 – 1954*. Belo Horizonte: UFMG, 2007.